

JORNAL DE BRASÍLIA

Vocação Planaltina

A cidade-satélite que abre espaços para o fazer artístico porque não perde a sua cultura

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Planaltina, a mais antiga das cidades que compõem o Distrito Federal — foi criada em 1859 — é um caso à parte no processo cultural brasileiro. Se todas as satélites padecem falta de infra-estrutura cultural (agravada pela desarmonia entre administradores públicos e artistas), em Planaltina o quadro é singular.

A cidade dispõe de um Museu (o Histórico e Artístico da Cidade), de uma Casa de Cultura (em sede provisória, mas viva), de um Centro de Artesanato e, pasmem, de uma DDLT (Diretoria de Desporto, Lazer e Turismo) que não quer saber se a sigla abrange ou não a cultura. Quer é dar todo o apoio possível aos artistas. "Sou planaltinense", diz orgulhosa a professora Gracilda Neves Pereira, 41 anos, titular da DDLT. É completa: "Como nossos recursos financeiros são ínfimos, o jeito é sair pelo comércio e instituições públicas pedindo. Não nos envergonhamos de sermos os maiores pidões de Brasília, pois nossa causa é justa: ver o progresso material e cultural de Planaltina".

Outra figura-chave no processo cultural da cidade é Preto Rezende, 31 anos, ator (*Orquestra de Senhoritas*, *Negro Anjo Azul*), professor de Educação Artística e coordenador da Casa de Cultura local. Planaltinense de primeira hora, ele não mede esforços para ver a cidade viva.

Os professores dominam a mais antiga satélite do DF. A administração regional é comandada por Selma Mundim Guimarães, oriunda dos quadros da Fundação Educacional, mesma fonte empregadora de Gracilda, Preto Rezende e Giovana Bianchetti, coordenadora do Museu Histórico e Artístico da Cidade.

História das elites — Giovana, filha do pintor Glênio Bianchetti, é professora de Educação Artística. Há quatro anos, foi requisitada para dirigir o Museu, ponto tradicional na cidade. Lá, estudantes da rede pública, moradores e funcionários encontram acervo que documenta a história do município goiano que, um dia, transformou-se em satélite de Brasília.

Há, porém, aspecto do acervo do Museu que merece reparo. Ele conta a história da elite planaltinense, ou seja, dos coronéis fazendeiros que deram origem à cidade. Não se ocupa, porém, do desdobramento da história do município goiano integrado ao Distrito Federal. Não há, na casa colonial que o abriga, documentação sobre a traumática remoção de invasões que transformou Planaltina numa cidade de 80 mil habitantes. Afinal, seu núcleo histórico abriga, se tanto, cinco mil habitantes. Os demais, chegaram nos anos 60 e 70, dando origem às vilas Vicentina e Buriti. Nos anos 80, vieram a Vila Pombal e o Jardim Rizor.

Narrar, documentalmente, a história da integração dos invasores à conservadora elite planaltinense é obrigação de qualquer museu comunitário, que se pretenda vivo e dinâmico. Caso contrário, o Museu Histórico e Artístico de Planaltina continuará mostrando fotos e objetos de coronéis e sinhozinhos, e deixando às camadas populares o papel de meros coadjuvantes, nunca de agentes sociais.

Giovana Bianchetti concorda com observação de que o Museu narra apenas a história dos pioneiros (os fundadores da cidade, 131 anos atrás). Mas lembra que há documentação — cita livro de relatos, organizado pelo arquiteto Salviano Guimarães, recém-eleito deputado distrital — do impacto causado pela chegada das vilas (responsáveis pela ampliação da geografia física e humana da satélite). Admite, porém, que cabe à equipe do Museu pensar um projeto mais amplo para tempos futuros.

Religioso e profano — Em nenhuma cidade-satélite de Brasília, a Igreja Católica tem força social e cultural como em Planaltina. A parte mais significativa de seu calendário de eventos artísticos e culturais tem origem religiosa. Aliás, sua mais vistosa manifestação — a *Via-Sacra* — é uma encenação religiosa de proporções gigantescas (semelhante à de Nova Jerusalém, em Pernambuco). Na Semana Santa, no Morro da Capelinha, 500 artistas encenam a Paixão de Cristo para público que, ano passado, foi calculado em 140 mil pessoas.

A Igreja Católica está por trás, ainda, da Festa do Divino Espírito Santo, da Folia de Reis, das Festas Juninas, do Festival de Música Religiosa e dos festejos da Natividade.

Quem for a Planaltina, hoje e amanhã, poderá desfrutar da *Feira Natalina*, composta com atividades teatrais (apresentação da peça *O Boi e o Burro no Caminho de Belém*), exposição de arranjos (no



Museu Histórico e Artístico de Planaltina na cidade que reúne o bucólico rural e os problemas urbanos na mesma luta pela consolidação de espaços

Museu) e comércio de produtos artesanais (arranjos florais, presépios, cartões natalinos, peças em cerâmica, tapetes das Irmãs Franciscanas etc.).

Contraditoriamente, Planaltina é a cidade que abriga em sua zona rural o mais vistoso dos movimentos religiosos não-católicos do DF: o *Vale do Amanhecer*. Lá, seguidores da vidente Tia Neiva ergueram uma comunidade que chama atenção de brasilienses e brasileiros, oriundos de diversos pontos do País. A cidade abriga, também, uma série de igrejas evangélicas (ou crentes).

Preto Rezende, coordenador da Casa de Cultura, participa ativamente do calendário cultural-religioso planaltinense, mas faz questão de lembrar que "aqui, nós desenvolvemos, também, atividades profanas". Cita as mais vistosas: "Há 10 anos, promovemos a *Festa das Bruxas* (adaptação do *Halloween* norte-americano), o *Baile do Cafona* (sátira ao tradicional Baile da Cidade), festejos carnavalescos, Festival de Música, Videoclube (Preto leva seu próprio aparelho para a Casa da Cultura, pois falta a ela tal equipamento), Semana da Criança, Semana do Professor, Semana

da Consciência Negra e encenações teatrais que fogem da temática religiosa".

Sentimento nativista — O planaltinense se ufana de sua origem. Gracilda, da DDLT, relata história, algo patética, mas saborosa: a Escola de Samba local foi rebaixada à condição de bloco, por ter sido a última classificada nos dois últimos carnavais. Os coordenadores da Escola, tristes por não terem desfilado no ano que passou, foram à DDLT pedir o apoio de sua titular para voltarem à avenida. Pois Gracilda se encheu de coragem e, acompanhada dos carnavalescos, veio ao DTL. Se entender com Passarito, presidente da Associação das Escolas de Samba do DF. Resultado: a Escola continua bloco e, por isto, não receberá subvenção este ano.

"Tal fato", assicura Gracilda, "nos deixa muito tristes, pois queremos que o samba planaltinense cresça e se destaque no cenário brasileiro. Temos, aqui, excelente grupo de pagode, que sempre que pode anima nossas festas".

Preto Rezende, como professor de Educação Artística, promete ajudar no renascimento do samba planaltinense. "Tão logo a Escola reconquiste o direito de des-

filar no Grupo 1, vamos ajudá-la na criação de seus figurinos, adereços e carros alegóricos". A Aruc (Unidos do Cruzeiro) já buscou reforço em João Antônio e Hugo Rodas, duas estrelas do teatro brasiliense, para os serviços de barracão. Planaltina poderá contar com outro peso-pesado do teatro local — Ricardo Torres, excelente cenógrafo. Afinal, avisa Preto, "o Ricardo já se ofereceu, em sucessivas ocasiões, para nos ajudar".

O nativismo em Planaltina é tamanho, que Gracilda lamenta, de mapa na mão, a diminuição da zona rural da cidade. "Parte de nossa área física foi, com a recente reforma administrativa promovida pelo GDF, anexada ao Paranoá. Ficamos tristes, pois nossa zona rural é uma das maiores produtoras de hortifrutigranjeiros do DF".

Casa de Cultura — Planaltina se orgulha de ter, em seu território, a *Pedra Fundamental*, marco central do país. Orgulha-se, também, do grande cenário (reproduzindo palácios e templos) construído no Morro da Capelinha para as encenações da Paixão de Cristo; dos tapetes da Missionárias Franciscanas; da Folia de Reis e Folia de Roça; da Reserva de Águas

Emendadas; de seu artesanato (em especial das cerâmicas e flores do cerrado); da catira e do *Vale do Amanhecer*.

Agora, a cidade começa a orgulhar-se da *Casa de Cultura*, plantada em local provisório, no fundo da Feira Popular de Hortifrutigranjeiros. Lá, sob o comando de Preto Rezende, há nove meses, a comunidade exercita sua criatividade, ora pintando nas paredes — os últimos trabalhos, com o tema *Semana da Consciência Negra*, alcançaram excelente qualidade — ora criando objetos cenográficos ou esculpindo, em madeira, imagens natalinas. Ou reunindo-se no videoclube para ver e discutir cinema, ou exercitando-se em oficinas do fazer. Não há dúvida. Entre as Casas de Cultura das satélites (há similares em Samambaia e Guarã) nenhuma se mostra tão viva e consciente de sua função como a comandada pelo ator.

"Os feirantes", conta Preto Rezende, "não estão satisfeitos com nossa presença aqui, pois tinham a área que ocupamos como espaço para ampliação da Feira". Infelizmente, arremata, "enquanto não se concretizar o *Centro Cultural de Planaltina* — cuja planta já está pronta — cultura e agricultura terão que conviver juntas".

Programação

A Administração Regional de Planaltina, através da DDLT (Diretoria de Desporto, Lazer e Turismo), do Museu Histórico e Artístico da Cidade e da Casa da Cultura, promove cronograma de atividades artísticas que ocupa o ano inteiro.

Janeiro — Folia de Reis

Fevereiro — Carnaval

Março/abril — Via Sacra (Encenação teatral que mobiliza 500 atores, cenógrafos, figurinistas, etc)

Mai — Coração de Nossa Senhora

Junho/Julho — Festas Juninas e Festa do Divino Espírito Santo

Agosto/Setembro — Aniversário da Cidade (os festejos vão de 19 de agosto a sete de setembro)

Setembro — Festival de Música de Planaltina/Festival de Música Religiosa

Outubro — Semana da Criança e Semana do Professor/Festa das Bruxas

Novembro — Mês da Consciência Negra/Zumbi dos Palmares

Dezembro — Festejos Natalinos (hoje e amanhã, Feira de Natal, com encenação da peça *O Boi e o Burro no Caminho de Belém*, de Maria Clara Machado; exposição de arranjos e venda de artesanato natalino, tapeçarias e cerâmicas).



Tradição está nos tapetes

Uma das mais vistosas atrações culturais de Planaltina está, para não fugir a uma regra do lugar, ligada à Igreja Católica: os tapetes produzidos pelas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. Elas mantêm, no centro da cidade, ao lado do Museu Histórico e Artístico, uma construção ampla e muito arborizada, jardim de infância, residência, um belo pomar (a satélite é conhecida como a capital da manga) e a oficina onde desenhavam papagaios, borboletas, flores, folhagens e figuras geométricas em telas de vários tamanhos.

O processo de trabalho — artesanal — das tapeçarias de Planaltina é

singular. As freiras, depois de esboçarem desenhos nas telas, definem as cores de lá que serão usadas em cada segmento do trabalho. Cumprida esta etapa, as religiosas encaminham cada projeto a uma artesã, treinada de forma intensiva, para que execute a etapa final do tapete. O acabamento, orgulha-se Irmã Ana Maria, uma espanhola de Pamplona, "é de primeira".

Quem quiser aproveitar os festejos natalinos para adquirir os tapetes das Irmãs Franciscanas, e ajudar na obra social que elas desenvolvem, deve dirigir-se à Praça Salviano Monteiro, nº 57, em Planaltina, ou manter contato pelos fones 389-1753 e 389-1047, seja em dias úteis ou finais de semana. Para se calcular o preço de cada peça, há que se levar em conta o custo do metro quadrado (Cr\$ 14.000,00).



Gracilda colocou um C na DDLT

Fotos: Márcio Batista